



SOL

28-12-2012

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 58246

Temática: Saúde

Dimensão: 913

Imagem: S/PB

Página (s): 20/21

FRANCISCO GEORGE
DIRECTOR-GERAL DA SAÚDE

‘Os pais que vão ter filhos devem revacinar-se contra a tosse convulsa’

Joana Ferreira da Costa
joana.f.costa@sol.pt

Surto da doença ainda está por explicar, mas devem tomar-se medidas preventivas – aconselha o responsável, que culpa os movimentos contra a vacinação pelo ressurgimento do sarampo.

Como se explica o aumento brutal de casos de tosse convulsa (cerca de 190), que triplicaram este ano? Este aumento de tosse convulsa em crianças não é só português, é um fenómeno mundial. Surgiram casos na Europa, nos EUA e na Austrália. Estamos todos atentos e preocupados porque não sabemos exactamente qual o motivo do aumento.

transmitido foi um membro da família. Por isso, um dos conselhos retomados agora, com redobrada atenção numa altura de festas, é a revacinação daqueles que visitam crianças com idade até dois meses.

Basta dirigir-me ao centro de saúde e pedir para ser revacinado?

Pode ter havido uma mutação da bactéria?

O problema pode resultar, de facto, de uma alteração da própria bactéria, mas também da mudança do tipo de vacina contra a doença, que teve lugar em 2006, porque a vacina inicialmente tinha muitas reacções. As duas hipóteses estão a ser estudadas em centros de investigação nos EUA, na Austrália e na Europa. A verdade é que temos um problema, que em Portugal tem expressão, sobretudo, em crianças até aos dois meses, que não iniciaram a vacinação.

É a idade mais perigosa?

E, já que a criança não vacinada está menos protegida, provavelmente porque tem menos anticorpos da mãe.

Os três bebés que morreram este ano estavam nesse grupo?

Eram recém-nascidos que adquiriram a infecção e quem a terá

Sim. Mas é preciso ter em conta que só com uma análise laboratorial é possível confirmar que há infecção com o agente da tosse convulsa (*Bordetella pertussis*). Por isso, é fundamental que quem tenha sinais de doença não visite bebés antes de estar revacinado.

Os centros de saúde estão alertados para este aumento de afluência? Já receberam instruções?

Temos trabalhado nesse sentido. Mas não podemos tomar medidas precipitadas sem perceber a origem deste fenómeno. Em Inglaterra, foi adoptada uma estratégia transitória de revacinar as grávidas, de forma a que os anticorpos sejam transmitidos da mãe para o filho.

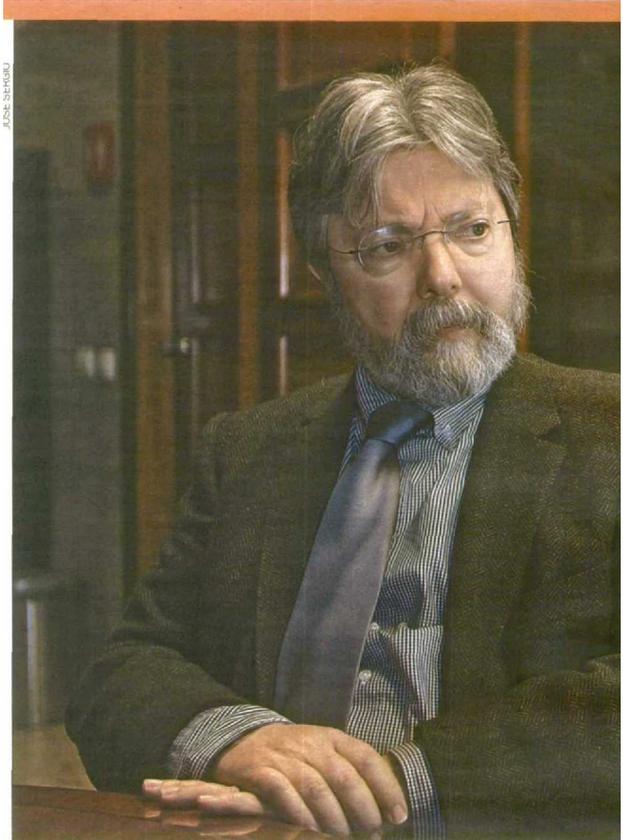
Essa é uma hipótese em Portugal?

Não temos tradição de aceitação em Portugal da vacinação da grávida. Mas, mesmo sem uma solução imediata, há outras medidas que podem ser adoptadas até se conhecer a natureza do problema.

A revacinação dos pais ou futuros pais ou dos pais está em cima da mesa?

Sim, a revacinação dos casais em idade fértil, mas também de outros elementos da família. Mas, por agora, o conselho que dou a quem vai ter um filho é que vá revacinar-se e que as pessoas com sinais de problemas respiratórios não visitem recém-nascidos.

Outra ‘velha doença’ que, no ano passado, assustou a Europa foi o sarampo...



A reemergência do sarampo em alguns países europeus tem origem num fenómeno: a não vacinação das crianças. Hoje, quem tem menos de 35 anos não sabe o que é o sarampo, que se tornou raríssimo com a introdução da vacina. Provavelmente, o facto de as mães e os pais nunca terem lidado com esta doença grave fê-lo desvalorizar a vacina. E há movimentos contra esta vacina, que não têm explicação.

É um risco para a saúde pública?

Ao recusar-se a vacinação, não só se está a expor a criança não vacinada a um risco, mas também a contribuir para a diminuição da imunidade de grupo. Se muitas mães fizerem isto, o vírus do sarampo volta a ter condições para ter actividade, já que as crianças ficam mais susceptíveis à doença e não têm qualquer protecção. Ainda por cima este vírus transmite-se facilmente, à distância. É um problema de irresponsabilidade dos pais em relação aos seus filhos e à sua comunidade.

Em Portugal também há famílias que recusam a vacinação.

Há, mas menos do que noutros países: a nossa taxa de vacinação é das melhores do mundo (97%). O vírus do sarampo não circula em Portugal. Mas acontece o mesmo em relação à gripe. Somos agora obrigados a voltar a relembrar as notícias do Inverno passado, em que houve um excesso de mortalidade dos idosos com mais de 75 anos. Sabemos que a vacina contra a gripe é sobretudo eficaz contra as complicações da doença. Por isso, a ausência de vacinação nos idosos acima dos 75 anos e nos doentes crónicos pode antecipar a morte.

Há o risco de o excesso de mortalidade entre idosos repetir-se?

Esperemos que o exemplo do Inverno anterior seja suficiente para as pessoas perceberem que se devem vacinar. O Governo criou este ano uma ‘via verde’ para facilitar a vacinação gratuita nos centros de saúde de adultos com problemas crónicos ou de pessoas com 75 ou mais anos de idade. Espero que esta campanha permita reduzir o excesso de mortalidade.

A dengue também atacou em força e já atingiu mais de duas mil pes-



soas na Madeira. Como se explica esta situação?

A dengue começou no dia 3 de Outubro deste ano, na Madeira, dia em que se confirmaram os primeiros casos de infecção pelo serotipo 1. Sabe-se que a infecção com o serotipo tem um 'comportamento' explosivo, com um grande número de casos, mas é menos virulento.

Mas houve falhas no controlo da população de mosquitos que transmitem a doença?

A existência de casos depende directamente da densidade dos mosquitos que transmitem o vírus. O mosquito que existia nas áreas próximas do Funchal foi identificado em 2005 e terá, no final do Verão, aumentado brutalmente a sua população. Ainda não sabemos porquê, o que sabemos é que o tipo de vírus da dengue encontrado agora circula na América do Sul. Quer dizer que alguém infectado veio da América do Sul, transportou assim o vírus e deu início à infecção. Mas os hospitais responderam bem e não houve uma única morte.

Ainda não há uma vacina contra a doença?

Uma vacina contra a febre de dengue surgirá dentro de dois ou três anos. O que significa que, mesmo admitindo que a doença possa ressurgir, as perspectivas a médio prazo são excelentes.

Mas, até lá, como vão controlar novas infecções?

Reduzindo a população de mosquitos que transmitem a doença. Acabar, por exemplo, com os pratinhos nos vasos das plantas, onde os mosquitos põem os ovos. Vai ganhar novo fôlego o trabalho de fundo feito por funcionários, que vão porta-a-porta explicar o que se deve fazer para evitar a propagação do mosquito. E depois é preciso formar um grupo de especialistas que possam montar e afinar um plano para evitar e detectar precocemente um novo surto, quer na Madeira quer no continente.

Há risco de o mosquito chegar ao continente?

O risco é reduzido, mas existe, e ninguém compreenderia que não houvesse um plano delineado para o seu combate.